

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Thayfani Eduarda dos Santos

Dissertação de Mestrado

**Arte e Encantamentos:
refúgios em meio de tempos brutais**

**CAMPINAS
2023**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Centro de Linguagem e Comunicação
Programa de Pós-Graduação Structi Sensu em Linguagens, Mídia e Arte

Thayfani Eduarda dos Santos

**Arte e Encantamentos:
refúgios em meio de tempos brutais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação de Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como parte dos requisitos para a conclusão do Mestrado acadêmico sob orientação da Professora Doutora Paula Cristina Somenzari Almozara.

CAMPINAS
2023

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

700 S237a	<p>Santos, Thayfani Eduarda dos</p> <p>Arte e encantamentos: refúgios em meio de tempos brutais / Thayfani Eduarda dos Santos. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.</p> <p>60 f.: il.</p> <p>Orientador: Paula Cristina Somenzari Almozara.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte. 2. Espiritualidade - Umbanda. 3. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Almozara, Paula Cristina Somenzari. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte. III. Título.</p> <p>23. ed. CDD 700</p>
--------------	---

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Centro de Linguagem e Comunicação
Programa de Pós-Graduação Structi Sensu em
Linguagens, Mídia e Arte

Thayfani Eduarda dos Santos

**Arte e Encantamentos:
refúgios em meio de tempos brutais**

Dissertação defendida e aprovada em
28 de fevereiro de 2023 pela comissão examinadora:



Profª. Drª. Paula Cristina Almozara Somenzari

Orientadora e presidente da comissão examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Profª. Drª. Eliane Righi de Andrade

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Drª. Yuly Marty

Pesquisadora independente

CAMPINAS
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico esse trabalho à minha família: Minha mãe pela amizade e companheirismo, meu irmão por ser minha metade e meu pai por todo esforço bárbaro nesses últimos anos me apoiando. Vocês são amor, bondade e força. Também dedico e sou grata aos meus amigos, que estiveram presentes nos momentos mais sombrios e nas celebrações.

Agradeço à minha orientadora, Paula, por desde a graduação caminhar do meu lado e acreditar tanto no meu trabalho. E sou imensamente grata à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, por todas as portas abertas. Agradeço cada troca com os professores do Programa de Pós Graduação Limiar e com meus queridos colegas.

Agradeço meus guias e Orixás que iluminam meu corpo e me fortalecem. Agradeço as matas, as ruas, as montanhas, os mares, as cachoeiras e todos os lugares que caminhei nessa jornada.

Dedico humildemente a todos que convivem com a dor dos últimos anos. Não estamos sozinhos.

Viva Oxalá, que docemente me ensina viver e salve Exu que entrelaça a vida.

Sumário

Memorial: Corpo-registro	08
O contexto do qual eu escrevo	27
A luta pelo não esquecimento	33
Encruzilhadas	35
Refúgio	39
Uma reza para o que há de vir	55
Inacabamento	59
Referências Bibliográficas	60

RESUMO

A pesquisa propõe reflexões sobre a arte e espiritualidade como refúgio, como formas de lutar e resistir contra o apagamento das memórias coletivas e individuais, sobretudo no momento contextual de crise e trauma de Covid-19 no Brasil e no mundo. Para isso partimos de um olhar decolonial, onde valoriza-se o processo da experiência e das vivências que os saberes da Umbanda oferecem. Dessa forma, sob essa perspectiva elencamos as dimensões da crise humanitária, política, subjetiva e psíquica em que estamos inseridos por meio da construção de um relato pessoal, resultando em uma pesquisa de estudo de caso e em um ensaio fotográfico.

Palavras-chave:

Arte Contemporânea; Impactos psíquicos; Pandemia; Processos de Criação, Umbanda.

ABSTRACT

The research proposes reflections on art and spirituality as a refuge, as ways of fighting and resisting the erasure of collective and individual memories, especially in the context of the crisis and trauma of Covid-19 in Brazil and the world. For this, we start from a decolonial perspective, where the process of experience and experiences offered by Umbanda knowledge are valued. Thus, from this perspective, we list the dimensions of the humanitarian, political, subjective, and psychic crisis in which we are inserted through constructing a personal account, resulting in a case study research and a photographic essay.

Keywords:

Contemporary Art; Psychic impacts; Pandemic; Creation Processes, Umbanda.

Memorial: Corpo-registro

Desenho

*Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.*

*Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.*

*Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.*

*Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.*

*Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.
Raramente, um pouco mais.*

Cecília Meireles, 1963.

Esse memorial tem o intuito de descrever como cheguei até aqui. Resumidamente, escrevo sobre meu percurso que atravessa o profissional e o íntimo. E tento entender os porquês de um todo que me consome e tira meu sono. Introdutório, esse memorial é o início dessa dissertação, que foi um dos textos mais demorados, longos e dolorosos que escrevi. Esse trabalho é também um testemunho sobre os meus últimos anos e a forma que encontrei de lutar contra o esquecimento das minhas e de nossas histórias, de ressignificar por meio da arte e da espiritualidade adoecimentos que encruza aquilo que me é único: meu corpo e minhas memórias.

...

No dia 3 de março de 2020 uma terça feira meu pai foi demitido do trabalho. Depois de 18 anos sendo mão de obra em uma multinacional, a empresa demitiu todo o quadro de funcionários que ocupavam o mesmo cargo que o do meu pai. Em um Brasil pré-pandêmico, foi profundamente doloroso ver meu pai nesta situação: um

homem de cinquenta anos e que nunca teve a oportunidade de estudar além do ensino básico público, perder aquilo que sustentou a nossa família por anos. Me lembro que além da preocupação com o futuro, nos sentimos descartáveis.

Naquela terça passei o dia sozinha, ansiosa. Lembro de passar o dia sem comer e inquieta. Na parte da tarde, decidi produzir algo e essa produção artística está neste memorial. Com tinta nanquim registrei partes do meu corpo em um livro artesanal, também produzido por mim. Foi uma ação silenciosa e íntima. Preparei um espaço no quintal, protegi o chão com plástico, abri o caderno em cima desse plástico e separei um pote com tinta e pincel. Tirei a minha roupa e comecei a pintar algumas partes do meu corpo. Como um carimbo, os movimentos eram rápidos: pincel; pote de tinta; corpo; chão e papel. Fiz este movimento repetidas vezes e quando terminei, estava exausta, sentindo toda a dor que habitava o meu corpo.

Entre para dentro de casa, tomei um banho e deixei a água levar a tinta ralo abaixo. O chão do banheiro ficou inundado de água escura e suor. Depois, com muito carinho, guardei o caderno, lavei o pincel e o pote de tinta, guardei o plástico de proteção. Meu pai chegou no final da tarde em casa e em família, ouvimos ele contar como foi todo o processo. Todos fingimos calma, mas estávamos revoltados e tristes.

No meio de março, resolvemos fazer uma viagem para a praia. A praia estava vazia e o sol brilhava. Eu amo praia, amo o mar. Esta praia em especial que visitamos, carrega um dos encontros mais lindos que existem no mundo: o encontro do rio com o mar. Imersos em carinho e amor, passamos o final de semana naquelas águas mágicas.

Naquele mesmo final de semana, foi decretado estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde e os Estados do Brasil, gradativamente, passaram a adotar medidas protetivas sanitárias. A Pontifícia Universidade Católica de Campinas, universidade que eu estava cursando meu último semestre de graduação em Licenciatura em Artes Visuais, suspendeu as aulas, seguindo o protocolo do governo do Estado de São Paulo. Foi tudo muito rápido, mas confesso que não estava tão preocupada. Naquela época eu tinha outras preocupações, como a situação da minha família e também a pressão do trabalho de conclusão de curso. E enfim, eu estava

alheia às notícias e confesso também que quando recebi o email de suspensão das aulas, pensei no tempo que ganharia para adiantar as pendências.

Uns vinte dias depois, ainda com as aulas suspensas, meu irmão foi demitido do trabalho. Demissão em massa, outra multinacional, mais trabalhadores sendo descartados. Foram mais de duzentas pessoas demitidas de uma grande indústria aqui da cidade. Meu irmão, que na época estava com 22 anos, conta que eles chegaram para o turno das seis da manhã, tomaram café e foram trabalhar. Por volta das nove da manhã, alguns foram chamados para uma sala de reunião e foram todos demitidos. Jovens, senhores, pais de família, todos, demitidos sem direito de resposta e pegos de surpresa. Nada importa para essas empresas: o corte de gastos é mais importante do que a grande possibilidade de uma família passar fome. Meu irmão chegou em casa, tomou um banho e dormiu o dia todo.

E foi nesse contexto em que eu sobrevivi e compreendi as dificuldades futuras. Também entendi que o término da minha faculdade aconteceria de forma remota: sem abraços e despedidas. A ficha caiu. Foi diante dessa condição que escrevi e produzi meu trabalho de conclusão de curso, um trabalho lindo e especial, realizado junto com a minha querida amiga Fernanda Menezes. Foi nesse emaranhado de sentimentos, que vi minha mãe sair todos os dias para trabalhar em supermercado e ser exposta dia após dia a um vírus mortal. E também foi nesse tempo e espaço que eu vivi um dos piores momentos da minha vida, que eu realmente adoeci e pensei na morte. Mas, ao mergulhar na morte, encontrei refúgio na arte e na espiritualidade, em um processo longo e cheio de obstáculos, encontrei a Força para levantar da cama.

Durante a pandemia, não tive perdas próximas às vítimas de Covid-19. Me formei artista e professora, fiquei desempregada, ingressei na pós-graduação, tornei-me professora na prática, tive novos amores, adoeci e iniciei um processo de cura química, psíquica e espiritual.

Escrever esse memorial me levou a revisitar aquilo que já passou, aquelas memórias que deixamos guardadas com carinho e aquelas outras que severamente nos obrigamos a esquecer. O memorial é uma viagem ao passado e ao futuro. Esse trabalho de retorno, também foi uma forma de elaborar minhas motivações maiores

na escolha de cursar o mestrado e decisão do tema, que detalho mais a diante. Durante o processo de elaboração, eu voltei no tempo e atravessei minhas memórias.



Figura 1: Registro da ação artística "Corpo-registro", 2020. Arquivo pessoal.



Figura 2: Registro da ação artística “Corpo-registro”, 2020. Arquivo pessoal.

Quando adolescente, sempre fui estudiosa e meu período escolar foi algo fluido. Porém, mesmo sendo dedicada aos estudos, nunca tive planos de ingressar em uma faculdade, pois não sabia como fazer isso e não acreditava ser possível. Eu não tinha grandes ambições. E na verdade, eu não tinha expectativa de vida. Naquela época eu tinha um namorado anos mais velho que eu e que me agredia de várias formas: ele tirou a minha dignidade. Eu tive minhas relações sociais-familiares abaladas, mas de alguma forma, a escola foi uma das únicas coisas que ele não conseguiu tirar de mim. A escola, por fim, era um espaço de segurança.

Foram três anos vivendo dentro dessa realidade e foi nessa época em que comecei a adoecer na cabeça e no corpo. Foram muitos episódios deitada na cama, sem forças para levantar e cheguei a pesar 39 kg. Meu corpo já não menstruava, eu estava anêmica e pedindo para Deus me levar, foi na adolescência a primeira recordação que tenho de quando pensei em morrer. Eu passava meus dias deitada na cama, esperando por algo que até hoje não sei nomear e sentindo medo, medo dele, medo de me perder, medo de não ser capaz de colocar os pés no chão. Esses anos se arrastaram, porém, finalmente, em um domingo, já com quase dezoito anos fui tomada por uma força potente e rompi com aquele relacionamento. Em resumo, eu não tinha expectativa de vida e quem dera, ter sonhos futuros. A minha infância foi tão feliz e a minha adolescência uma sequência de acontecimentos delicados, que eu ainda luto para ressignificar. Quando criança eu era muito alegre, criativa e comunicativa. Adorava brincar na rua, no parque, pintar e de estar com as pessoas. Na adolescência, perdi tudo isso.

Dos 18 aos 20 anos, tentei aproveitar o que restava da minha adolescência com o apoio da minha família e dos amigos que retornaram. Consegui um emprego em um escritório de um supermercado aqui da cidade, que também era uma grande alegria do meu cotidiano: fiz amizades incríveis. Após dois anos trabalhando lá, conheci meu segundo namorado. O Ivan mudou minha vida. Eu acredito que temos muitos amores ao longo do nosso viver e o Ivan é um dos amores da minha trajetória, mesmo não estando mais juntos. Ele me apresentou outras perspectivas e possibilidades de conhecer e de viver. E sem dúvidas ele teve a sensibilidade de me mostrar que ainda era possível reacender a esperança dentro do meu peito.

Decidi largar o emprego e voltar a estudar. Com o apoio dos meus pais e do Ivan, me matriculei em um cursinho pré-vestibular. No cursinho, descobri que o conteúdo do ensino básico que me foi apresentado na escola pública a vida toda, não iria me ajudar a entrar em uma universidade. Durante os dois anos de cursinho, me senti diferente e atrasada. Neste período, os sintomas depressivos e as crises ansiosas retornaram. Saí ano e entra ano, vejo alunos indo e vindo, enquanto eu, mesmo com todo o esforço, noites sem dormir e sensação de infarto cada vez mais comum, continuava por lá, tentando. Foi no cursinho que comecei a elaborar uma criticidade política e entender melhor sobre as linhas invisíveis que nos dividem.



Figura 3: Registro da ação artística “Corpo-registro”, 2020. Arquivo pessoal.

Em 2017 consegui uma bolsa integral para estudar Licenciatura em Artes Visuais na Puc Campinas. A arte sempre esteve presente. Cresci vendo o trabalho de artesã de minha avó materna e vendo meu pai desenhando nas paredes de casa como um passatempo. Minha avó Teresa, criou seus quatro filhos sozinha, com o trabalho de costureira. Mais tarde, com os filhos criados, ela começou a pintar panos de prato e ornamentar com crochê. Quando criança, sempre ao chegar em sua casa eu corria para o quatinho de trabalho dela e começava a tocar os potes de tintas e os pincéis. Enquanto meu pai, tinha no desenho e na pintura uma paixão antiga. Quando ele se casou com a minha mãe, eu e meu irmão nascemos, ele passou a decorar as paredes do nosso quarto com pinturas de desenhos animados e também as paredes dos nossos aniversários. As pinturas pareciam murais dentro de casa e no nosso quintal, era lindo e encantado.

Dessa forma, o pouco acesso que tive à arte durante meu desenvolvimento foi na escola, com meu pai e minha avó. A arte esteve na minha vida muito mais em um sentido sensível e interno do que de forma concreta como o acesso em espaços culturais. Eu só tive a oportunidade de conhecer um espaço como esse, apenas no segundo ano de graduação. E até hoje, ocupar esses espaços é um grande esforço financeiro e de deslocamento, tendo em vista que moro em uma cidade do interior de São Paulo.

Os anos de graduação foram anos maravilhosos na minha vida, meu compromisso diário. Eu gostava de tudo: de todas as disciplinas, de todas as provas, de todas as atividades, de cada materialidade que explorei. Eu participava de projetos de docência, de pesquisa, de monitoria. Frequentava festas e bares. Eu me sentia viva, elétrica. Foi um período em que eu estabeleci muitos movimentos, experimentei muitas coisas e acabei esbarrando na pesquisa em arte, processo que me trouxe até o mestrado.

No meu primeiro dia de aula da graduação, minha mãe olhando pela janela da sala, chorou ao me ver entrando dentro da van. As primeiras semanas de aula foram conturbadas, eu não conhecia ninguém e nada pelo campus, vivia me perdendo e tive dificuldades em lidar com tanta informação. Eu passei alguns intervalos sozinha, sem conseguir interagir e entrei em crise. Comecei com pensamentos ansiosos, de que as coisas não dariam certo e que eu não merecia estar ali. Também passei a me

comparar com as outras pessoas e o estranhamento ao estar entre pessoas de realidades tão discrepantes, com tantos recursos financeiros, me acompanhou até o final dessa jornada.

Mas mesmo em meio aos estranhamentos, a vida soube me guiar e colocou pessoas incríveis ao meu lado. Minha primeira amiga na graduação foi a Danya Alves. No início, gostávamos de fazer caminhadas durante os intervalos para conhecer o campus e nessas caminhadas compartilhamos histórias de nossas vidas e outros mistérios. Começamos a fazer trabalhos em dupla, depois em grupo com outros colegas e a turma foi crescendo. Também gostaria de mencionar aqui neste memorial, minhas queridas amigas Talita Horniche, Monique dos Santos e Fernanda Menezes, pois sem elas, a graduação não seria a mesma. Essas mulheres inúmeras vezes me acolheram e me ajudaram a continuar.

O começo da graduação foi um furacão, mas tudo se acalmou com o tempo. Passei a aceitar todas as coisas e pessoas boas que estavam entrando em minha vida. Em 2018 as oportunidades de emprego na área surgiram e eu só tenho a agradecer as indicações, a confiança depositada em mim e ao meu trabalho tão jovem.

Em 2018 tive minha primeira experiência como educadora pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) de Mogi Guaçu. Fui contratada como docente para um curso de Caricatura e Cartoon que foi aplicado no Centro de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) em Mogi Mirim e também, como docente no curso de Criação de Roteiros e Histórias em Quadrinhos desenvolvido no Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA) também em Mogi Mirim. Foi uma breve experiência com contrato de 2 meses e eu sinceramente não sei qual foi o motivo que me fez aceitar a proposta, tendo em vista que eu nunca havia dado uma aula na vida. Me lembro de sofrer todos os dias antes das aulas começarem, eu ficava muito ansiosa e não me sentia preparada. Mas a verdade dura do professor que está dentro de um contexto de um público marginalizado, é que não existe preparo o suficiente e não existe fórmula mágica, mas é claro que eu só sei disso agora.

Eu preparava as aulas de acordo com as expectativas do meu contratante e tentava desenvolver dentro do que era possível para mim e para os alunos em um ambiente de presídio. Meus alunos não sabiam ler, tão pouco pegar no lápis. Eu chorei muitas vezes ao chegar em casa após o trabalho, sempre muito envolvida. Nessa breve experiência vi que existe o ideal e o real na educação. O ideal, são as instituições promovendo certificados de cursos impossíveis de aplicar em um determinado contexto e vendendo a ideia que com aquele certificado há esperança de oportunidades de emprego e de mudança de vida. O real é aceitar que o ideal é uma expectativa quase sempre inalcançável dentro da nossa perspectiva neoliberal. Com isso, a realidade na educação é que temos que procurar meios honestos de encontrar conforto, solidariedade e dignidade para nossos alunos. Meus alunos não saíram alfabetizados, alguns aprenderam a pegar no lápis e manejar alguns materiais de artes. Mas todos conversaram comigo e através do diálogo me contaram suas histórias e alguns se arriscaram no desenho. No nosso último dia de aula, eu levei bolo de chocolate e refrigerante para os meninos da Fundação CASA. Teve menino que não comia um bolo há anos, teve menino que nunca tinha sequer experimentado um bolo de chocolate.

Quando acabou o período do contrato de lecionar nesses lugares, recebi uma proposta de trabalho no Centro-Dia de Referência para a Pessoa com Deficiência de Mogi Guaçu como instrutora de desenho. Os Centros-Dia, são instituições públicas, administradas pelas prefeituras das cidades, especializadas no atendimento de jovens e adultos com deficiência. Tem o objetivo de desenvolver autonomia, a convivência em grupo e fortalecer as relações sociais e familiares dessas pessoas.

Tive uma turma de 30 pessoas, com deficiências físicas e intelectuais, fiquei um ano e meio nesse desafio. Era uma turma calorosa, cheia de beijos e abraços. Eu confesso que muitas vezes tive o sentimento de não saber o que estava fazendo lá por conta de uma falta de repertório pedagógico destinado àquele público. Eu aprendi muitas coisas na prática e tive a possibilidade de experimentar muitos recursos com os alunos. No Centro-Dia, eu pude criar materiais e ferramentas de acordo com cada demanda e fazia o contínuo exercício da flexibilização do conteúdo para ter a possibilidade de trabalhar em conjunto e em respeito com cada individualidade presente.

Simultaneamente com as aulas do Centro-Dia, passei no processo seletivo do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e fiquei um ano participando do projeto. Com abordagem interdisciplinar, tive a oportunidade, junto aos meus colegas de outras áreas da educação, como letras, matemática e educação física, de aplicar oficinas aos alunos de ensino médio em duas escolas da região central da cidade de Campinas. No final do programa em 2019, tive a oportunidade de apresentar - junto dos meus colegas - um seminário de encerramento institucional. O seminário ocorreu na universidade e foi assistido por todos os participantes daquele ano.

Essas três experiências na educação durante a minha formação foram explosivas. Representam um avanço transformador no meu ser, em minhas atuações enquanto artista pesquisadora e como arte educadora. Foi tudo tão desafiador, tão duro, difícil, mas foi além, transgrediu.

Também na graduação, conheci o programa de iniciação científica. Em 2019 e 2020, tive o privilégio de investigar o trabalho da artista visual M^a. Andréia Dulianel, que também era minha professora da graduação. Com a orientação da professora Dr^a Paula Almozara, que é atualmente minha orientadora de mestrado, a pesquisa foi um aprofundamento da linguagem do desenho por meio de um estudo de caso do trabalho poético da artista Andréia Dulianel. Houve uma investigação histórica a partir de reflexões de escritos essenciais para a história da linguagem no Brasil, como os textos de Vilanova Artigas, Flávio Motta e Mário de Andrade, que foram frutos da aula inaugural da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1967¹. O trabalho “Universos da arte” da artista plástica Fayga Ostrower e os estudos contemporâneos da artista Edith Derdyk sobre desenho, foram fundamentais para o andamento da pesquisa, a partir da óptica da educação e da arte.

Por fim, com o projeto de pesquisa intitulado “Reflexões e observações sobre a natureza da linguagem do desenho a partir da poética visual da artista Andréia Dulianel” participamos de dois eventos científicos na Puc Campinas. Sendo o primeiro em 2019, uma apresentação em pôster da proposta de pesquisa no XXIV Encontro

¹ Artigas, João Batista Vilanova (1967) *O Desenho*. In: Andrade, Mário de; Artigas, João Batista Vilanova; Motta, Flávio. *Sobre Desenho*. São Paulo: Centro de Estudos Brasileiros do Grêmio da FAU-USP [Consulta 2020/11/02] Disponível em URL: https://issuu.com/itaucultural/docs/ocupacaoartigas_aulaodesenho

de Iniciação Científica e IX Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação. E em 2020, apresentamos o resultado da pesquisa neste mesmo evento da universidade.

Outra experiência que o Programa de Iniciação Científica me proporcionou foi a participação no XII Congresso Internacional CSO (Criadores Sobre outras Obras) de Lisboa. Eu e minha orientadora, publicamos e apresentamos o artigo “Desenho, corpo e espaço: reflexões sobre experiências e atravessamentos na produção artística de Andréia Dulianel”². Este artigo foi uma ramificação da pesquisa inicial, onde nos debruçamos em obras específicas da artista e suas narrativas.

Em 2020, com a chegada da pandemia e a formatura se aproximando, tive pouco tempo para elaborar as despedidas que não ocorreram, o trabalho de conclusão de curso e as incertezas quanto ao meu futuro profissional ficaram ainda mais nebulosas. Todos os trabalhos da minha turma foram adaptados à nova situação trágica da Covid-19, produzidos e apresentados de forma remota.

Meu trabalho de conclusão de curso foi produzido em coautoria com minha colega de turma e amiga, Fernanda Menezes. O trabalho foi intitulado como “Vivências do corpo: um agente ativo no desenvolvimento de arte” e foi apresentado em junho de 2020. Nossa banca avaliadora foi composta pelos professores e artistas Dr^a Paula Cristina Somenzari Almozara, Dr^a Tatiana Cuberos Vieira Rinco e pelo Dr. Paulo de Tarso Cheida Sans. Todos esses artistas foram meus professores da graduação, mestres, conselheiros e se tornaram bons amigos.

A proposta do trabalho foi levantar a discussão sobre o corpo como um agente formador de conhecimento, expressão e órgão de pesquisa. Essa proposta partiu da vinculação das pesquisas individuais que eu e Fernanda estávamos envolvidas na época. Assim como eu, a Fernanda também estava no programa de iniciação científica, investigando a linguagem da fotografia e da fotoperformance. Dessa forma, nosso trabalho de conclusão de curso, envolveu as linguagens do desenho, da

²“A via das máscaras: As artes em congresso no CSO’2021. Evento: XII Congresso Internacional CSO’2021, Criadores Sobre outras Obras: Livro de Atas João Paulo Queiroz (ed.). Disponível em: <https://cso.belasartes.ulisboa.pt/atas.htm>

fotografia e da performance e nossas questões poéticas individuais, associadas às práticas educativas e à arte contemporânea como fundamento (ZAMPERETTI, 2011).

Foi um trabalho feito sobre a pressão pandêmica e de tudo o que ela envolve: medo, morte, do luto de tudo aquilo que não foi finalizado, ansiedade, desamparos..., Mas foi catártico. Mergulhamos nas nossas memórias, nos nossos desejos e na esperança. Foi um trabalho potente em que foi possível olhar para o corpo como provocador e agenciador de experiências de alteridade, conhecimento pessoal e expressão poética. Nosso trabalho chegou às turmas mais novas de nossa faculdade, onde fizemos apresentações da nossa produção como forma de incentivo aos nossos colegas a continuarem com suas investigações poéticas e desejos pessoais. Além disso, participamos do Seminário Ibero-Americano sobre o Processo de Criação (Poéticas-ES)³, evento organizado pelo Laboratório de Extensão e Pesquisa em Arte do PPGA da Universidade Federal do Espírito Santo.

Esse período de graduação foi enriquecedor, eu sempre inquieta, fui provocada a produzir e a experimentar. E criar era a minha respiração, meu *refúgio*. Foi um dos períodos da minha vida em que eu estive muito ativa e vivi situações marcantes. Vivi na corda bamba, recalando uma violência sofrida e buscando escapes. Ser ativa na graduação pode ter me salvado, mas não ter limites (ou não os entender) em outros campos da minha vida me trouxe consequências duras.

Com a chegada da pandemia, com o desemprego dos meus familiares, término da faculdade, encerramento de atividades profissionais e enfim com o meu próprio desemprego, com a tragédia econômica, socioambiental e política em curso, eu virei do avesso. As crises psíquicas que iniciaram lá atrás na adolescência, explodiram no ano de 2020. Eu não soube lidar com tudo o que estava me afetando, ver as valas abertas nos noticiários me matava por dentro. As memórias recaladas de questões antigas emergiram como um maremoto. E então, eu passei grande parte do meio para o final do ano de 2020 dormindo, cansada e pedindo para a criação forças para levantar e realizar minimamente meus compromissos diários.

³ Apresentação oral e publicação no Anais do evento “Poéticas da Criação - ES”
Título “*Observações processuais em corpo-suporte e corpo-ação*”, por Thayfani Eduarda dos Santos e Fernanda Menezes de Souza. In: “*Arte em tempos de pandemia*”, acesso em: <https://leena.ufes.br/anais-2020> p.538-544

Ainda assim, existia um movimento dentro de mim, um desejo em não parar. Me dediquei ao processo seletivo do mestrado. Mas eu estava adoecida, a depressão afetou minha memória e naquela época eu não consegui um tratamento de qualidade, sofri negligência médica e fui tratada como um objeto em fase de testes. Com várias medicações prescritas erroneamente, meus sintomas se intensificaram e tornaram-se outros problemas, como agressividade, agitação ou sono em excesso. E nesta situação, eu escrevi um projeto de mestrado o qual eu quase não me lembro de como foi o processo de escrita e de estudos. Em resumo, eu queria tratar sobre a solidão e produzir com essa temática dentro do contexto da Covid-19 no Brasil.

Eu passei no processo seletivo, mas não fiz um bom projeto. Eu tinha experiências boas que me qualificaram para entrar no programa, mas hoje, quando leio meu projeto inicial, nada faz sentido. O texto tem pouca concordância, as referências se misturam de uma forma negativa, estão desconexas e meus objetivos não estavam claros. Enfim, adoecer afeta inúmeras das nossas funções.

Ainda estou doente, mas agora tenho um diagnóstico, um norte e supervisão. Esta pesquisa atual é um desdobramento da ideia inicial, mas agora com outros direcionamentos. A investigação se tornou uma forma de elaborar algumas coisas da minha vida, do meu interno e do entorno, de esmiuçar por meio da arte o que foi enterrado e tem ressurgido nos últimos anos.

A primeira parte do mestrado, em 2021, foi integralmente de forma remota. Conheci meus colegas e professoras presencialmente apenas no primeiro semestre de 2022, quando as aulas retornaram no presencial. As aulas remotas foram cansativas, pois assim como o *home office* para os trabalhadores, às atividades acadêmicas remotas não permitem uma divisão entre nossa rotina privada de nossos lares e os estudos. Com isso, eu e meus colegas durante as aulas compartilhamos das dificuldades desse novo modelo. Durante as aulas tivemos a presença das crianças, filhos dos colegas, rotina de amamentação, familiares interrompendo as videochamadas. Tudo isso, misturada com a falta de concentração e demandas profissionais. Tive a sorte de encontrar professores e colegas acolhedores e diversas vezes, quando tudo estava pesado, as aulas se tornavam sessões de desabafo.

Nos seis primeiros meses de pós-graduação, ainda com crises depressivas terríveis, tive muita dificuldade de foco, disciplina e sinceramente, me arrastei e quase desisti. As aulas eram no período da noite e durante as tardes, como eu estava desempregada, só conseguia dormir. Tive uns três meses de hipersonia, dormi mais de 12 horas por dia e ainda me sentia exausta. Também voltei a ter quadros de esquecimento e por conta disso, no final do semestre para conseguir realizar os trabalhos finais, precisei assistir a várias aulas gravadas. Foi nesse período também, que tive minha primeira crise de euforia e agressividade, e após esse acontecimento procurei outro profissional psiquiatra, que identificou um tratamento adequado para o meu transtorno.



Figura 4: Registro da ação artística “Corpo-registro”, 2020. Arquivo pessoal.

Com o tratamento adequado, senti um alívio, um respiro e fiquei a salvo. Como disse anteriormente, ainda estou doente e em tratamento, mas agora consigo ter condições mínimas para viver. O meu primeiro contato com a pós graduação foi muito prejudicado por questões de saúde e por tudo o que vivemos nestes tempos pandêmicos.

No segundo semestre do ano passado, com apoio da minha família, orientadora e colegas, consegui dar continuidade e apresentar o meu projeto de pesquisa em dois eventos, sendo eles na IV Jornada Internacional GEMInIS e no III Postgraduate Meeting. E comecei a escrever este memorial tão duro e necessário para a disciplina de Linguagens, Memória e Arquivo, ministrada pela querida professora Dr^a Eliane Righ.

Neste mestrado, não vivi tudo o que idealizei lá atrás e talvez nunca sinta que fiz o suficiente. Eu gostaria de ter feito mais, lido mais, participado de mais eventos, de ter produzido mais enquanto artista pesquisadora e gostaria de me sentir artista. Atualmente trabalho como professora de arte e a rotina escolar também é dura, o que afeta no rendimento da pesquisa que eu gostaria de ter. Mas estou caminhando e elaborando minhas condições de ser e estar no mundo. Me levanto da cama todos os dias. A pandemia foi o início de uma crise e de uma lacuna no mundo, com minha individualidade não foi diferente. Ela foi o estopim de uma viagem e nesta viagem, eu sigo em busca de um refúgio para me reencontrar.

E hoje consigo moldar um pouco melhor esse processo reflexivo que proponho neste trabalho. Encontrei na arte, na escrita e na espiritualidade modos de sobreviver. Dessa forma, “Arte e Encantamentos: refúgios em meio de tempos brutais”, é um trabalho que envolve uma investigação poética autoral em arte, sobretudo da fotografia, a escrita de um relato pessoal de descobertas e acontecimentos durante o período pandêmico e atravessamentos espirituais junto à Umbanda. Arelado a isso, reúno aqui um pequeno estudo de caso de produções artísticas contemporâneas, de duas artistas brasileiras que discorrem sobre temas em comum em diálogo aqui. Esse é um trabalho sobre arte, memória, ancestralidade, dor e encontro.

O contexto do qual eu escrevo

O estopim: a pandemia de covid-19 e as feridas abertas

Atualmente partilhamos a experiência de viver em uma situação de vigilância extrema em consequência da crise de Covid-19 e que interfere em todas as dimensões pessoais, sociais e institucionais. A crise que se instalou há mais de dois anos, afeta psicologicamente a forma como enfrentamos nosso dia a dia, provocando indesejáveis situações em nossos modos de viver e a partir dos quais podemos inferir algumas questões que estão patentes nas ideias sobre as tecnologias de poder, de linguagem, de si e de produção (FOUCAULT, 2004). Sendo assim, de acordo com Michel Foucault, essas tecnologias são controles disciplinares, gestões de como viver e modos de gerir o mundo de acordo com os interesses de governabilidade de um sistema sustentado pelo neoliberalismo. Considerando a situação brasileira, tais interesses conduziram a uma mortandade sem precedentes na história do país e agravada pela forma como as imposições de controle de narrativas perpetuam uma falácia governamental em torno de *fake news*, um sistema, enfim, baseado na ideia de necropolítica (MBEMBE, 2018).

A crise de Covid-19 expõe as feridas abertas de uma sociedade que ainda está amarrada às imposições coloniais e perversas de estratificação social e racial que impelem a um modo de viver baseado no inalcançável, na incompletude e no consumo exacerbado como forma de estabelecer o status social e o sucesso sobre os outros e acima de todos.

A crise revela de modo escancarado a fragilidade dos sistemas de gestão socioeconômicos em sua inteira crueza: destaca as pobreza, classifica os indivíduos pelas suas posses materiais ou pela falta de qualquer possibilidade de acesso material e impulsiona uma violência que se estabelece pela diferença. Estamos, portanto, não em uma crise somente sanitária, estamos imersos em crises políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas (BIRMAN, 2020) que apenas foram desveladas de modo mais enfático pela crise sanitária e ao atravessar todas estas dimensões, nos encontramos também em uma crise psíquica.

Ao revelar o jogo de força dos sistemas que regem o mundo geopolítico e as formas de ser e estar nele, observamos uma sociedade que agoniza, perante as incertezas e os riscos. Este percurso de dominação baseado na ideia de necropolítica e consumo compulsivo enfatizado pelo capitalismo aponta também para a ideia de transparência da *sociedade da aceleração* segundo o filósofo Byung-Chul Han (2012). A transparência é um modo sistêmico de controlar os sujeitos.

A sociedade da transparência, é uma sociedade positiva, sem conflitos e narrações. Ela recusa a negatividade e qualquer tipo de movimento que exija reflexão, pois qualquer *trabalho* de reflexão atrapalha o desempenho e a performance. O foco é na aceleração, dinamismo e flexibilidade dos sujeitos para com todas as suas experiências independente do assunto, da importância, de sua profundidade e dificuldade.

A pandemia faz parte desse emaranhado de normas violentas que constroem os sujeitos e as normatizações que os afetam, continuam se fortalecendo e se modificando de acordo com o interesse do sistema. A ausência das narrativas na vivência humana é uma forte característica desses modos de viver e é fortalecida nesta crise pandêmica todas as vezes que os sujeitos têm suas condições humanas anuladas por números, tabelas, gráficos e ausência de cuidados. Pois aqui, não existe espaço para os processos, desenvolvimentos e elaborações das experiências sociais e subjetivas:

A sociedade positiva tampouco admite qualquer sentimento negativo. Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento e a dor, esquecemos como dar-lhes *forma*. Para Nietzsche, a alma humana deve sua profundidade, grandeza e fortaleza precisamente ao demorar-se junto ao negativo. Também o espírito humano é um *nascimento doloroso*: “aquela tensão da alma na infelicidade que nela acende a fortaleza [...], sua inventividade e valentia no suportar, perseverar, interpretar, explorar a infelicidade e a tudo aquilo que só é presenteado a ela em profundidade, mistério, máscara, espírito, astúcia, grandeza não lhe foi presenteado sob o sofrimento, sob a disciplina do grande sofrimento”. A sociedade positiva está em vias de reorganizar a alma humana de uma maneira totalmente nova. No curso e empuxo de sua positividade, também o amor é nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequências. [...] O amor é domesticado e positivado para a fórmula de consumo e conformidade, no qual todo e qualquer ferimento deve ser evitado. Mas sofrimento e paixão são figuras da negatividade. De um lado eles evitam a fruição do que não é negativo; de outro, em seu lugar entram perturbações psíquicas como esgotamento, cansaço e

depressão, que remontam em última instância ao exagero de positividade. (HAN, 2017, p.18-20)

A ausência de narrativas de que Han fala é a ideia de que não temos justamente o espaço para a elaboração de narrativas, reflexões e de conhecimento de fato. Apenas existe excesso de informações e normas. Com o avanço da pandemia, ficou perceptível a não importância desses espaços para as individualidades. Quem sobreviveu, segue vivendo no novo normal sem a oportunidade de expor e compartilhar suas experiências pandêmicas. Fomos obrigados a atropelar nossos sentimentos, nossas perdas, nossos anseios e singularidades. Essa ruptura em nossas histórias é um problema nas linhas do trauma, da catástrofe e do desamparo.

A pandemia em curso representa o maior acontecimento sanitário ocorrido no mundo desde a gripe espanhola de 1918 e apresenta efeitos ainda mais catastróficos que a pandemia do HIV/aids nos anos 1980. Assim, colocou em suspensão todas as atividades sociais e econômicas na totalidade dos países, transformou de forma radical *formas de vida e de sociabilidade*, que remetem seja para relações singulares do sujeito com o seu corpo, seja para as relações plurais do sujeito com o Outro em diversos contextos, assim como nas mais diferenciadas formas de existência, nos registros real e simbólico. (BIRMAN, 2020, p.14)

No Brasil, a primeira contaminação por Covid-19 reconhecida pelo Estado foi no final de fevereiro de 2020⁴. Mesmo com o alerta da Organização Mundial da Saúde sobre o surto de Coronavírus no final de dezembro de 2019⁵ e toda a Europa em estado de alerta e com números crescentes de casos, o Brasil manteve o carnaval daquele ano e passou a tomar medidas protetivas meses depois da primeira morte por Covid-19 no país, que aconteceu na primeira quinzena de março. É necessária essa breve retomada, para nos lembrarmos que a nossa tragédia brasileira poderia ter uma redução de danos, se nossas autoridades tivessem seguido outros caminhos. O uso de máscaras de proteção tornou-se lei⁶ no Brasil apenas no início de julho de 2020, enquanto em outros países já havia investimento em estudos sobre a imunização.

⁴ <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>>

⁵ <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>

⁶ <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.019-de-2-de-julho-de-2020-264918074>>

A vacina contra a Covid-19 no Brasil chegou para grupos prioritários no início de 2021 e a população geral recebeu sua primeira dose por volta de junho (a depender do Estado e das vacinas disponíveis). Com o início da vacinação, podemos perceber uma leve redução de casos e o desafogamento dos hospitais. Mas antes disso, vivemos em completa escuridão. Tivemos hospitais lotados que recém-nascidos ficaram sem oxigênio. Nos cemitérios, os funcionários trabalhavam em turnos e valas foram abertas sistematicamente para enterrar os corpos das vítimas que se transformaram em números, enquanto as famílias não puderam se despedir.

Segundo o Ministério da Saúde, chegamos a mais de 600⁷ mil mortos notificados a órgãos oficiais. Todos esses mortos, não tiveram uma despedida como um velório e muitos dos mortos que morreram de outras causas, acabaram não tendo também um velório, pelo risco de contaminação. Enquanto os números de casos e de mortos cresceram no Brasil, a fome voltou a assombrar a nossa terra. Chegamos a mais de 14 milhões de desempregados, a insegurança alimentar é crescente nos lares e o então presidente em exercício (Jair Messias Bolsonaro, 2019 - 2022) no período durante toda a pandemia não propôs uma política de combate aos problemas atravessados pela crise de forma consistente. Além do não planejamento de suporte financeiro à população, Jair Bolsonaro, atrasou as compras das vacinas, dedicou-se à propaganda de medicações ineficientes ao combate do coronavírus, se posicionou inúmeras vezes contra o distanciamento social e incentivou a população para tal, disseminou *Fake News* em conjunto com seus apoiadores e mesmo com meio milhão de mortos, debochou da situação traumática que vivemos.

Bolsonaro e seus aliados colocaram a população em uma situação de exposição ao risco. Com a estratégia de não oferecer soluções como auxílios financeiros dignos, possibilitar modos de cumprir o distanciamento social e incentivar à ciência em busca da imunização, o presidente estabeleceu o que Joel Birman em “O trauma na pandemia do Coronavírus” chama de “o paradoxo a bolsa ou a vida” (2020, p.44), defendendo o fator econômico como preferência:

Por que tal preferência? Essa é a questão que se impõe de forma inexorável para nós. A resposta imediata é que tanto as perdas políticas, sociais e eleitorais quanto a paralisação das práticas econômicas implicariam as trajetórias futuras desses governantes,

⁷ <<https://covid.saude.gov.br/>>

mesmo que a implementação prioritária dessas pautas, sem considerar devidamente o imperativo da vida, se mostrasse ineficaz do ponto de vista da produção e da comercialização, da economia propriamente dita. De fato, porções significativas das populações, em diversos países, mostraram que tinham medo de sair às ruas para não serem contaminadas, que estavam assustadas demais para frequentar estabelecimentos comerciais, além de temerem ambientes fechados, como os veículos de transporte coletivo e lojas. Portanto, não é suficiente abrir os espaços comerciais, se o público não responde a esse apelo de oferta de maneira consistente - uma vez que, para a lei da *oferta* funcionar, é necessário que a *procura* responda devidamente, em uma relação complementar. Assim, o *humor* da população é crucial para que essa conjunção se dê de maneira positiva, a começar considerando o humor mais fundamental nessa circunstância pandêmica, o *medo*. (BIRMAN, 2020, p.44)

Jair Bolsonaro e sua política do medo, obrigou a população a continuar suas rotinas para a economia não parar, com o objetivo de manter seu reinado de mito. O desastre foi plantado por um homem, apoiado por muitos outros. Ainda para Birman, políticos como Bolsonaro - em sua obra ele também cita Donald Trump (que é inspiração para o ex-presidente brasileiro) - que escolheram a economia no lugar da vida, promovem o mecanismo do recalque, a negação elaborada por Freud. Essa negação “promove a *divisão psíquica* em fragmentos incomunicáveis” (BIRMAN, 2020, p. 2020).

A assunção do imperativo da bolsa no lugar do imperativo da vida, por alguns governantes, implicou um ato perverso e cruel. De acordo com seus cálculos políticos e eleitorais, preferiram sacrificar milhares de vidas e empilhar os cadáveres dos seus cidadãos a se importar com o que é de fato digno de valor: a vida de cada um, em sua singularidade inigualável e incomparável. (BIRMAN, 2020, p.52)

O ensaio do psicanalista Joel Birman produzido no início da pandemia aponta situações encontradas no país ainda nos dias atuais. Além disso, demonstra por meio da análise do comportamento do ex-presidente e das consequências da crise de Covid-19, as tecnologias de poder, que abordamos no início desse texto contextualizado, em atuação em nossa sociedade. Como também observa a negação, como instrumento de excluir as narrativas que o filósofo Han aborda em seu trabalho.

A pandemia de Covid-19 é o corolário da ação exploratória humana da natureza que tomamos como nossa, sem considerar que fazemos parte dela. Hoje, fomos obrigados a nos adaptar a ela, para não atrapalhar o andamento da economia neoliberal. Essa crise desvelou os adoecimentos do mundo e as feridas abertas das sociedades. E ao nos depararmos tão explicitamente com essas feridas cada vez mais profundas, sem termos a oportunidade de nos curarmos e estando cada vez mais

sozinhos, desamparados em sentidos coletivos e singulares, os impactos sentidos em nossos corpos e vidas deixarão rastros profundos em nossa saúde psíquica.

Logo nos primeiros meses de pandemia eu adoeci psiquicamente, desemprego, incertezas e medo, muito medo da morte. Como artista, nos primeiros meses da pandemia encontrei na arte e na escrita uma forma de refúgio, de acolhimento. Produzir foi algo importante, mesmo que após um tempo fiquei mais doente e passei por uma longa pausa. Mas a arte nunca deixou de ser uma proteção de todo esse caos que vivemos. Sinto que a arte sempre sobreviveu aos períodos brutais e que os artistas em seus trabalhos podem dirimir essa ausência, a negação, o recalque coletivo que vivemos e apresentar narrativas, gerar pensamentos críticos, em um contexto que possa vencer esse vazio. A arte é uma forma de manter a memória desse período de dor viva e de lutar contra o esquecimento.

A luta pelo não esquecimento

“Um saber encantado é aquele que não passa pela experiência da morte. A morte é aqui compreendida como o fechamento de possibilidades, o esquecimento, a ausência de poder criativo, de produção renovável e de mobilidade: o desencantamento.”
Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, 2018.

Nas crises depressivas que tive nos últimos anos, a morte sempre foi vista como uma opção de esquecimento, de acabar com aquilo que estava doendo, pois lembrar dói. Foi (e está sendo) um processo demorado para compreender que a escrita, a rememoração de momentos colocados no esquecimento e a arte como instrumento de luta são formas de construção de conhecimento.

Para Paul Ricoeur (2003), as memórias são formas de reapropriação de um passado que a história muitas vezes feriu (2003, p. 01). Neste trabalho, tenho como objetivo indicar a memória como um espaço de reconstrução. Por meio da minha narrativa durante o período pandêmico e do resgate do passado, escrevo aqui meus olhares sobre as circunstâncias além dos noticiários e das estatísticas. Devemos nos manter atentos e não transformar a memória em um objeto da história, que não tem nomes, individualidades e narrativas, pois, ainda segundo Ricoeur (2003, p. 05) "Além disso, a história pode introduzir comparações que tendem a relativizar a unicidade e o caráter incomparável de memórias dolorosas"

Dessa forma, a memória é recurso contra o esquecimento das narrativas que são subtraídas sob a perspectiva neoliberal que nos controla. Para tanto, aqui utilizo o relato pessoal, a espiritualidade e a arte como ferramenta para manter esse recurso. Afinal, segundo o autor a memória pode ser representada por diversos meios, sejam expressões escritas ou não-escritas (Idem. 2003, p. 05)

Com isso, entro aqui em meu principal recurso utilizado neste último ano como forma de não esquecimento das minhas e das nossas memórias: a Umbanda. Narro meu caminho pela Umbanda mais adiante, porém, adianto que a Umbanda é uma religião que vive de memórias. É no chão do terreiro que ao falar com nossos ancestrais podemos encontrar a resposta no hoje, um chá de cura, um banho para

dormir melhor, um benzimento para acalmar a alma. Além disso, a sobrevivência da Umbanda em um país racista como o nosso, é resistência e denúncia.

São nos encantamentos da Umbanda que me debrucei para produzir arte, para registrar fotografias. Além disso, as artistas estudo de caso referenciadas a seguir neste trabalho, estão em luta contra o esquecimento de nossas dores individuais e coletivas, dialogam com a espiritualidade presente na Umbanda.

Em “Imagens da memória: a pandemia nas projeções urbanas” (2021), Carlos Falci⁸, demonstra por meio da análise do trabalho do coletivo *Projetemos*, como as projeções urbanas propostas podem ser vistas como memórias sobre a pandemia da Covid-19. Apesar de ter uma temática ampla e além da espiritualidade, *O Projetemos* é um coletivo inicialmente nacional e que hoje, conta com participações internacionais, que propõe uma rede que luta contra a desinformação, sobretudo o movimento negacionista. Por meio de projeções em espaços urbanos em diversas cidades do país, o coletivo reúne imagens sobre a crise pandêmica e outros fatos marcantes desse período. Por se tratar de uma ação efêmera, as projeções são registradas através de fotografias ou vídeos e são reunidos arquivos no Instagram do coletivo. O artigo de Falci embora tenha o objetivo de analisar o trabalho do coletivo, carrega consigo o trabalho reflexivo sobre o papel da arte como agente de resistência contra o esquecimento:

Assim, o trabalho de memória aqui não trata apenas de um registro de ações passadas, mas de uma memória para o futuro, para um tempo futuro, como de fato é o trabalho de memória. Arquivar documentos, fatos, acontecimentos não é guardar o passado, mas revisitar o passado no presente, de forma a criar um futuro. Essa frase pode ser lida em vários autores com pequenas modificações, e sua repetição só mostra a força da memória como uma ação de construir o tempo. (FALCI, 2021, p.174)

⁸ Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atua no programa de Pós-Graduação em Artes e no curso de Cinema de Animação e Arte Digital.

Encruzilhadas

O título deste capítulo teve como referência o livro *“Fogo no mato - A ciência encantada das macumbas”* (2018), de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. O livro, em resumo, propõe um Brasil que não fica no Ocidente, mas sim em uma encruzilhada. E é nas encruzilhadas que as trocas acontecem: nos caminhos dos mercados, nos encontros das águas e nos entrelaçamentos das matas. Para os autores, conhecimento se adquire com a experiência.

Pensar em uma metodologia de pesquisa decolonial, é direcionar meus métodos para esses saberes. Por muito tempo estruturei a metodologia dessa pesquisa com o suporte teórico de artistas pesquisadores que escreveram os ensaios no livro *“O meio como ponto zero”* (2002), artistas dos quais respeito e admiro, que contribuíram para a construção de uma ação processual e híbrida (Rey, 2002) na pesquisa em arte. Porém, desde que entrei em um terreiro de Umbanda, tenho vivido momentos de reconstruções. Os autores de *“Fogo no Mato”* (2018), chamam essa ruptura de *“síncope”*:

A partir dessas percepções, podemos concluir que a perspectiva da encruzilhada como potência de mundo está diretamente ligada ao que podemos chamar de culturas de síncope. Elas só são possíveis onde a vida seja percebida a partir da ideia dos cruzamentos de caminhos. A base rítmica do samba urbano carioca é africana e o seu fundamento é a síncope. Sem cair nos meandros da teoria musical, basta dizer que a síncope é uma alteração inesperada no ritmo, causada pelo prolongamento de uma nota emitida em tempo fraco sobre um tempo forte. Na prática, síncope rompe com a constância, quebra a sequência previsível e proporciona uma sensação de vazio que logo é preenchida de forma inesperada. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.18)

Simas e Rufino também apontam o Atlântico como uma encruzilhada, onde nesse oceano ocorreu a reconstrução e reinvenção de indivíduos, *“experiências de ancestralidade e de encantamento”* (SIMAS; RUFINO; 2018, p.11). A estratégia do colonialismo para o esquecimento de saberes dos terreiros, das vielas, morros e das matas é a imposição da normatividade ocidental, inserindo todos esses saberes em um lugar subalterno.

(...) A agenda colonial produz a descredibilidade de inúmeras formas de existência e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial.

Nos cruzos transatlânticos, porém, a morte foi dobrada por perspectivas de mundo desconhecidas das limitadas pretensões do colonialismo europeu-ocidental. Elas são as experiências de ancestralidade e de encantamento. Para grande parte das populações negro-africanas que cruzaram o Atlântico e para as populações ameríndias do Novo Mundo, a morte é lida como espiritualidade e não como conceito em oposição à vida. Assim, para a perspectiva da ancestralidade só há morte quando há esquecimento, e para a perspectiva do encantamento tanto a morte quanto a vida são transgredidas para uma condição de sobrevivência. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.11)

No terreiro vivo uma ciência encantada e assisto o corpo do outro ser morada da memória. Vejo a transgressão da violência sistêmica por meio da cura, do cuidado e do acolhimento. Direcionar meu olhar para esses saberes foi um estopim para meus próprios métodos de pesquisa, de ser e viver no mundo. Ainda segundo os autores, esse novo direcionamento é um reposicionamento ético e que recai consequentemente nas formas das produções de conhecimento.

Dessa forma, essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa, pois tem como intuito encontrar e produzir arte que problematize e rememore questões vividas atualmente no Brasil pandêmico, sendo a arte um agente construtor do pensamento crítico e sensível em tempos brutais, ou seja, uma forma de compreensão das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA.2009. p.32). Mas também essa pesquisa foi construída na encruzilhada, no erro e no acerto, no campo do movimento e com os princípios de Exu⁹, pois ele “é o princípio dinâmico fundamental a todo e qualquer ato criativo” (SIMAS; RUFINO; 2018, p.20).

Haveremos de nos inspirar em Exu para praticarmos estripulias nos conhecimentos, na vida e na arte. Exu é caminhante, vagabundeia pelo mundo, na importante missão de dotar-se, paradoxalmente, de potentes irrelevâncias. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.23)

Como método de pesquisa e produção artística, abracei o inacabamento das coisas, me relacionei com a impermanência e finalmente comecei a olhar meu processo com mais carinho. Aqui nesse mestrado, moldado para a academia, mas com a intenção de relato, dei muitas voltas. A artista Elida Tessler no livro “O meio

⁹ Segundo Luiz Antonio Simas em “Umbandas: Uma história do Brasil” (2022), Exu tem um significado amplo no culto aos orixás. Criado por Olodumare (criador supremo), ele carrega a singularidade de ser o grande ancestral. No imaginário cristão é confundido com o demônio por conta de seus domínios se estabelecerem nas trocas, nas ruas e encruzilhadas e, pela subalternização dos cultos negro-africanos e ameríndios. Mas Exu possibilita aos seres o movimento, a comunicação e “está presente em tudo o que existe” (SIMAS, p. 163).

como ponto zero” (2022) aponta o caráter andarilho da arte contemporânea, como não relacionar hoje essa fala com os caminhos abertos por Exu?

A produção de arte e de uma pesquisa em arte neste último ano aconteceu por meio do olhar, da escuta e dos batuques. Todo dia de terreiro me sentei em uma cadeira velha de madeira, esperei a gira abrir, bati palmas, cantei e observei todas as pessoas cuidadas pela corrente da casa que frequento serem atendidas. Observei e fui observada. E com paciência, as coisas chegavam e me ajudavam a tomar decisões sobre a vida e meu trabalho. A opção de abraçar o inacabamento é bonita, mas vem de encontro à dor. Com todo o imediatismo de nossa época, aceitar que não temos o controle e caminhar ao lado das dificuldades dói.

O fato é que a humanidade sempre encarou os caminhos cruzados com temor e encantamento. A encruzilhada, afinal, é o lugar das incertezas, das veredas e do espanto de se perceber que viver pressupõe o risco das escolhas. Para onde caminhar? A encruzilhada desconforta; esse é o seu fascínio. O que dizemos dessa história toda é que as nossas vidas nós mesmos encantamos. Há que se praticar o rito; pedimos licença ao invisível e seguimos como herdeiros miúdos do espírito humano, fazendo do espanto o fio condutor da sorte. Nós que somos das encruzilhadas, desconfiamos é daqueles do caminho reto. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.24)

Durante a leitura desse livro, o primeiro de alguns que comprei dos autores, cheguei ao capítulo “O pesquisador cambono”. Em síntese, o cambono nos terreiros auxilia o pai de santo e as entidades, além de cuidar do espaço, da assistência¹⁰, dos registros, ou seja, trabalha na interlocução do terreiro. Essa prática da cambonagem, segundo os autores, é um saber aberto, pois o cotidiano dos terreiros demanda um olhar para o inacabamento. Dessa forma, os autores traçaram uma relação entre a prática da pesquisa e com o símbolo do cambono, “o pesquisador cambono deve estar de corpo aberto para afetar-se por algumas (lógicas) que lhe cruzarão” (Idem. 2018, p.36).

Uma prática de pesquisa pautada no cruço, na encruzilhada, sob a perspectiva do encantamento, é uma prática que olha para a compreensão da diversidade do mundo e das potências criativas (SIMAS; RUFINO; 2018, p. 34):

[...] O alargamento do presente, a coexistência de outras cosmovisões e temporalidades e o conhecimento como prática de

¹⁰ A assistência nos terreiros é o grupo de pessoas que visitam a casa para conversar com as entidades, com o pai de santo ou apenas para acompanhar a gira. Não fazem parte da corrente de médiuns e nem dos trabalhos das casas.

autoconhecimento são indicações de possibilidades, a partir do exercício do cruzo e das encantarias versadas em seus entroncamentos. (SIMAS; RUFINO; 2018, p.34)

Dessa forma, desde que assumi que pertença à Umbanda, meu olhar curioso tomou conta e isso invadiu todas as instâncias da minha vida. Na pesquisa, a encruzilhada se fez método e objetivo, se entrelaçou no tema e deu sentido à luta contra o esquecimento.

Refúgio

(...)Se posso arrancar da paralisia e da confusão um outro modo de escrita, preciso escrever sem garantias de que escrever mostrará as saídas; escrever com o risco de mergulhar em espiral negativa e me afogar no ar seco da dúvida. Preciso não escrever, mas insisto e escrevo.”
(Jota Mombaça, Não vão nos matar agora. Capítulo: O mundo é meu trauma, p. 27)

No início de janeiro de 2021, em um domingo à noite ao chegar em casa senti um cheiro de café pelos cômodos. Achei estranho e comentei com a minha mãe, que também sentiu o aroma, mas não tinha feito café naquela hora. Saí no quintal para ver a noite e lá o cheiro de café ficou muito forte. De alguma forma eu sabia que não podia explicar o que estava acontecendo, mas me senti feliz.

Nessa mesma noite, antes do ocorrido, eu havia conversado com a mãe de um amigo, macumbeira e de espírito forte, ela me ouviu por horas contar sobre o meu processo de entendimento sobre ter tido meu corpo invadido. Eu vivo um longo ir e vir com a depressão e naquela época estava apresentando sintomas de adoecimento novamente. Após me ouvir, essa mulher disse que iria pedir para os seus guias me protegerem. Ao chegar em casa, senti o estranho cheiro de café. Contei para ela sobre o aroma por mensagem no celular, ela disse que era a sua mentora me curando, Vó Catarina, preta velha¹¹.

Eu demorei um ano para chegar em um terreiro de Umbanda depois desse acontecido. Nesse período adoeci de uma forma que nunca havia acontecido. Eu não conseguia ficar acordada, perdia as memórias de acontecimentos recentes e vivia dopada de medicações psiquiátricas. Foi um ano triste. No final de 2021, sonhei com um conhecido e no sonho, algo me disse que eu deveria perguntar a ele se ele conhecia algum terreiro de Umbanda para me apresentar. Coincidência ou não, no dia seguinte ele me comunicou que trabalhava na corrente de um terreiro de nossa cidade. Desde então, estou há um ano frequentando a casa *77 Luz*.

¹¹ Linha de trabalho da Umbanda: os pretos velhos são entidades ancestrais caracterizadas pela sabedoria que emanam.

Foi no encontro com o terreiro, que encontrei paz psíquica. Nesses tempos tão brutais de crise e desamparo, que vivi coletivamente e de retorno ao passado que explorei de forma individual, surgiu um movimento - mesmo que sutil - pela busca e resistência ao afogamento e à morte da minha história¹².

Em “O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente” (2021), Han classifica a importância dos rituais como formas de buscar refúgio e aborda as Festas e Religiões dentro dessa busca: "Rituais podem ser definidos como técnicas simbólicas de encasamento. Transformam o estar-no-mundo em um estar-em-casa. Fazem do mundo um local confiável". (HAN, 2021, p.10-11)

Desde quando encontrei meu caminho na Umbanda, senti outras vezes cheiro de café pela casa, ouvi meu nome ser chamado na mata e senti Oxalá¹³ tocar meu rosto em um nascer do sol. Me aproximei das pessoas que frequentam o terreiro e como uma família, dividimos velas, frutas, bolos, milho e farofas. Além do simbólico, dividimos anseios e procuramos afago no abraço das entidades.

Meu trabalho autoral aqui percorreu um longo caminho decisivo. Foi de pintura, para diário e de diário para uma série de fotografias. Essa série de fotografias é um agradecimento, uma homenagem e um aprendizado de tudo o que vivi toda sexta feira a noite do último ano (2022): horário dos encontros do terreiro.

Toda sexta à noite, deixei minha casa e minhas redomas simbólicas - medos, anseios e sabotagens, encontrei um povo que nos recebia sem interesse financeiro, dispostos a ouvir e aconselhar. Depois de ser consumida pelas valas abertas, pelo desemprego e quase morte, voltei a acreditar na vida.

As fotografias a seguir foram realizadas no dia 24 de janeiro de 2023, em uma festa no terreiro em homenagem ao Orixá Oxóssi¹⁴. Segundo Han, a festa e a arte conservam a vida, aproxima os humanos e tudo aquilo que é divino (2021). De alguma

¹² É necessário acrescentar que durante todo meu período depressivo, fui assistida por um profissional de saúde mental e me encontro em tratamento medicamentoso e terapêutico.

¹³ Oxalá está ligado à criação do mundo e da humanidade. No sincretismo sua energia é aproximada a figura de Jesus Cristo.

¹⁴ "(...) o orixá cultuado nos candomblés como divindade da caça e da fartura, representado pelo ofá (o arco e a flecha do caçador). Em seu mito mais famoso, Oxóssi matou com uma flechada o pássaro da maldade, enviado por poderosas feiticeiras para espalhar a fome entre o povo." (SIMAS, 2022, p. 165)

forma, seja pelo método aberto proposto pela artista Sandra Rey (2002) ou pelas encruzilhadas, esse processo em arte aconteceu fechando um ciclo doloroso que sobrevivi. E além de um fechamento, é também um aniversário e um recomeço: aniversário de um ano dentro do terreiro e um recomeço, onde ao olhar pra trás cuidei das memórias, para construir novos encantos.



Figura 5: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 6: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 7: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 8: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 9: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 10: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 11: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 12: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 13: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 14: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 15: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 16: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 17: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 18: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 19: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 20: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 21: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 22: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 23: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 24: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 25: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 26: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 27: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 28: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 29: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.



Figura 30: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.

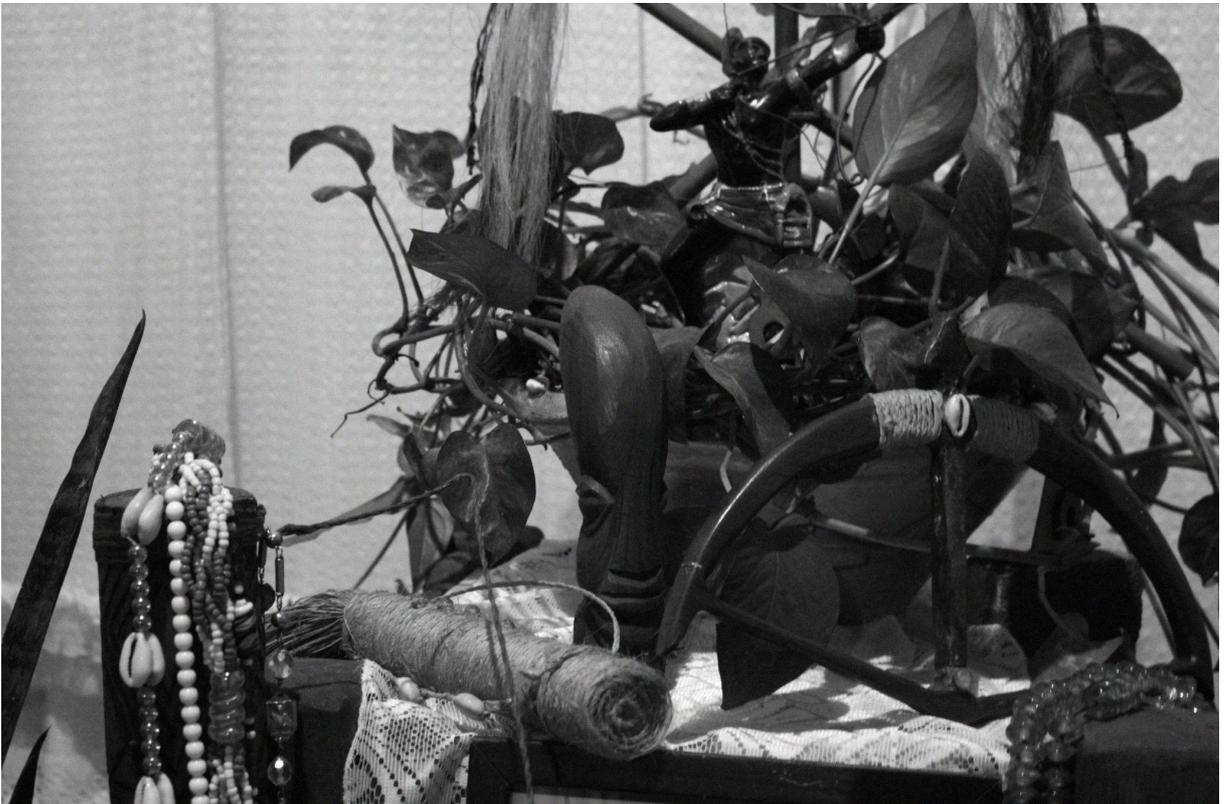


Figura 31: Refúgio, série de fotografias, 2023. Arquivo pessoal.

Uma reza para o que há de vir

A reza tem sentido espiritual, de prece direcionada a uma entidade ou algo que se acredita em busca de acolhimento, ajuda, bênção ou agradecimento. Escrito pela artista visual e mestranda em dança e poéticas do corpo Marina de Moraes Taffarel e pela filósofa e doutoranda Raísa Inocência, o artigo que carrega o nome desse capítulo foi publicado em 2020, tem um formato de ensaio visual e é resultado de um período onde essas duas mulheres trocaram correspondências digitais, tomando a escrita de si como cura e inscrição no mundo. A partir dessas cartas, surgiram poemas, imagens, performances, banhos e axé.

Quando iniciei a leitura, a história de Marina e Raísa reunida no artigo foi como um abraço. A escrita se mistura, se funde e não fica claro qual das duas mulheres escreveu uma determinada frase. Acredito que essa é uma intencionalidade das autoras, pois eu não me importei em separar o texto entre as autoras, a mensagem e as experiências vividas é o que toca de verdade.

Uma das autoras é filha de Iemanjá e partilhou seus banhos, suas rezas. É interessante como a vida dá voltas, quando li esse artigo pela primeira vez em 2021 eu não imaginava que no começo de 2022, eu iria conhecer a Umbanda. Ao reler o trabalho dessas mulheres, sinto toda a potência dos banhos, das mandingas e das velas firmadas. Nossos Orixás seguem iluminando nossa cabeça e sustentando o nosso corpo. Em uma das giras que frequentei, uma das entidades da falange dos boiadeiros me falou “Minha filha, você enverga, mas não vai quebrar. Você sustenta muita coisa nessa terra”.

[...] rezando, rezando por casa, rezando por casa que seja casa, não roommate, eu quero uma casa! E olha que já teve situações que a perdi porque me afobei. Ora, quem neste mundo pandêmico não tem sintomas de pânico? Só se for um lord para não se sensibilizar. Daí rezo, rezo como rezadeira, das minhas raízes [...]. (TAFFAREL; INOCÊNCIA, 2020, p.746)



Figura 32: Marina, *Banho*, 2020. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/philia/issue/view/4140>

O banho de Marina me lembrou os meus banhos. Dia desses, Rosa Caveira, uma entidade, me falou para tomar banho de erva cidreira, para acalmar e afastar o mal que ronda. Assim como Marina, encolhida dentro do box do banheiro, o banho acontece. Tem algo de muito forte quando reflito que uma mulher em 2020 estava tomando um banho, rezando, rezando muito e pedindo por um lar. E eu aqui, dois anos depois, nesse mesmo movimento de banhos com folhas sagradas, buscando no divino um refúgio que me acalme.

Um oráculo e dois banhos

Para desatar, desatar nossa escrita de nós, desnortear-se, para criar outro caminho como guia. Raísa me escreveu:

Tenho que te agradecer

Pois você me instigou algo necessário,

De rezar pro que há de vir.

(TAFFAREL; INOCÊNCIO, 2020, p.748)

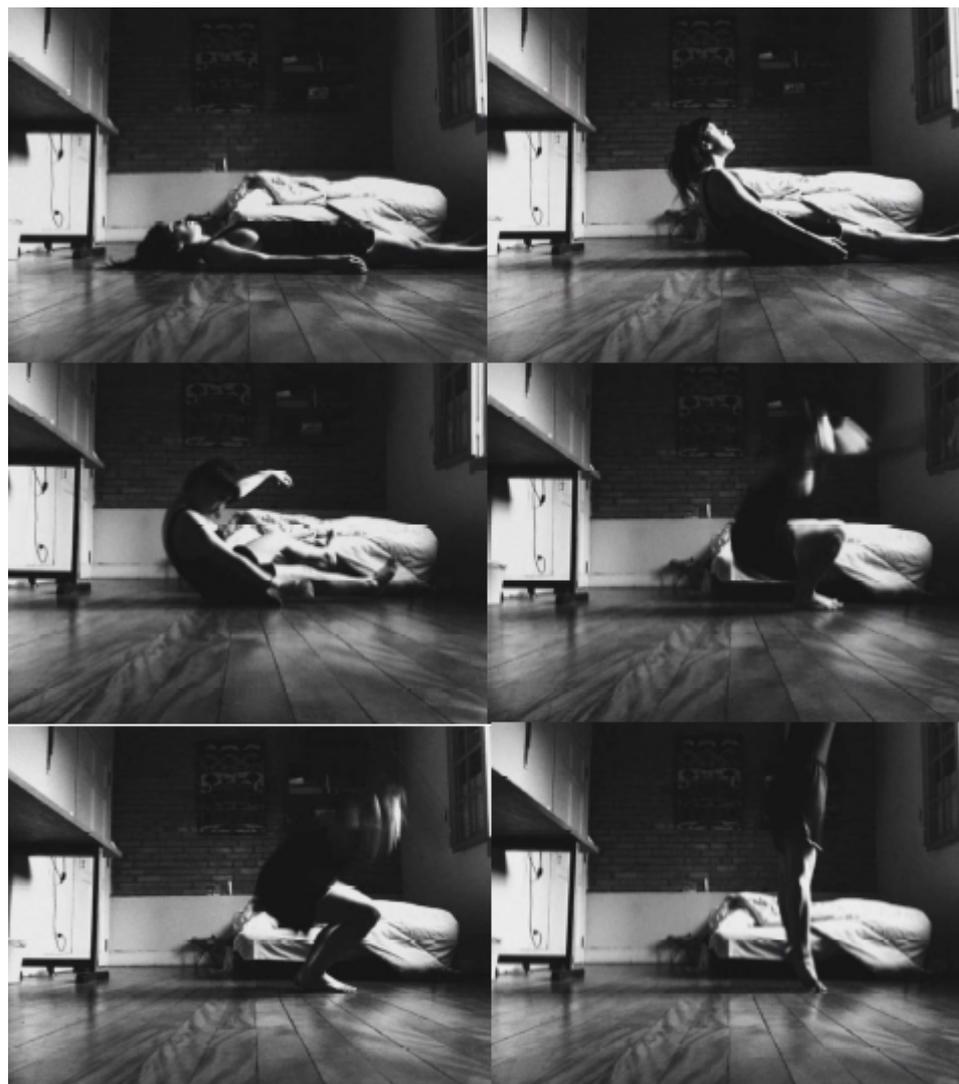


Figura 33: Marina, Levante, 2020. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/philia/issue/view/4140>

“Levante” é uma série de ações artísticas na qual Marina Taffarel reflete sobre as suas dificuldades enquanto sujeito em sofrimento com a crise de Covid-19 e também nas formas que encontrou de combate às opressões do Estado colonizador e controlador das subjetividades. Marina, artista visual, utiliza seu corpo e a escrita para registrar sua existência no mundo.

Tem dias que não sei como fazer para levantar da cama, como levantar do sofá, como levantar da cadeira, como levantar do chão. Tem dias, porém, que eu fico pensando em como o meu levantar todos os dias, ainda que com dificuldade, é um levantar em si, uma grande e uma enorme micro revolução. (TAFFAREL; INOCÊNCIO, 2020, p.751)

Dentro de um quarto, com uma cama desarrumada ao fundo, uma escrivaninha na lateral e a luz da janela entrando, tocando a pele de Marina, a artista registra a ação das tentativas de levantar-se.

Quantos de nós nestes últimos dois anos de perdas e incertezas agonizantes não nos sentimos amarrados em nossas camas sem conseguirmos nos levantar?

Inacabamento

A memória escapa, mas de acordo com a psicanálise esquecemos menos do que pensamos ou cremos (RICOEUR, 2003). Com isso, deixo meu corpo ir ao encontro das experiências para continuar meu trabalho enquanto artista em busca de refúgio e sigo no caminho lembrando daqueles que aqui já pisaram, sorriram e cantaram.

Ofereço a canção Obaluaê¹⁵, dos artistas Felipe Catto e Serena Assumpção, em respeito e sentimentos a todos aqueles que sofreram e sofrem nos últimos dois anos de tempos brutais de Covid-19. Que tenhamos acolhimento.

*Senhor da terra das chagas do amor
Na pele as palhas que amenizam a dor
Abraço-te pra pedir sua benção sua luz
E neste caminho São Omolu me conduz*

*Senhor da terra das chagas do amor
Na pele as palhas que amenizam a dor
Abraço-te pra pedir sua benção sua luz
E neste caminho São Omolu me conduz*

*Caviongô santas almas do mar
Pai Omolu que chegou pra dançar
Atotô Obaluaiê*

*Caviongô santas almas do axé
Pai Omolu que chegou pra benzer
Atotô Obaluaiê*

¹⁵ Divindade ligada à doença e à cura, conhecido no Brasil como Rei da Terra.

Referências Bibliográficas

BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. 1º ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. ISBN 978-65-5802007-3

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002

FALCI, Carlos. Imagens da memória: a pandemia nas projeções urbanas. In *Revista Rumores*, nº29, volume: 15, 2021. p. 160-176. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/185209>

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si (1982); tradução André Degenszajn; In *Revista Verve* semestral autogestionária do Nu-Sol, volume: 06, 2004. p.321-360. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017>

HAN, Byung Chul. *Sociedade da transparência*. Editora Vozes, 2017.

HAN, Byung Chul. *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. Editora Vozes, 2021.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance, In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, volume 10, nº12, 2018. p. 11-30. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/178>

LANCRI, Jean. Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade, In *O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas*. BRITES, Blanca. TESSLER, Elida (Orgs). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 15-34 ISBN: 85-7025-624-8

MBEMBE, Achielle. Necropolítica, In *Arte & Ensaios*, UFRJ, Nº32, 2016

MEIRELES, Cecília. *Os melhores poemas de Cecília Meireles / seleção Maria Fernanda* - 14ª ed. São Paulo : Global, 2002. ISBN 978-85-260-0294-4

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: *O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas*. BRITES, Blanca. TESSLER, Elida (Orgs). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 123-140 ISBN: 85-7025-624-8

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SIMAS, Luiz Antonio. *Umbandás: uma história do Brasil*. 4ºed - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. ISBN 978-65-5802-044-8

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2018. ISBN: 978-85-65679-76-3

TAFFAREL, Marina de Moraes; INOCÊNCIO, Raísa. Uma reza para o que há de vir. In: *Revista PHILIA - Filosofia, Literatura & Arte*. Porto Alegre, v. 2, número 2, p. 739-

755, 2020.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori (2011). A experiência, o corpo e a memória na escola - Reflexões no ensino das artes visuais para crianças. In *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, ano 2, v. 19: 173-188 [Consult.2020/11/25] Disponível em URL: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2080>